

## EROTISMO E EPIFANIA EM “SARGENTO GARCIA”, DE CAIO FERNANDO ABREU

MARCELO BARBOSA PEIXOTO

Intitulado “Sargento Garcia”, do gaúcho transgressor Caio Fernando Abreu, o conto pertence a seu livro *Morangos Mofados*, procuramos através do olhar do erotismo, investigar como a linguagem da narrativa constrói um recurso de sedução. Para isso, utilizamos o jogo do corpo, o homoerotismo e a estrutura do texto para desvendar esses olhares.

Caio Fernando Abreu expõe de forma única toda a emblemática que há por trás do comportamento homoerótico. (termo adotado no intuito de se banir todo o preconceito associado a palavra homossexualismo que etiquetava a pessoa por sua preferência erótica, sinônimo devassidão, promiscuidade, desvio de conduta, anormalidade, vício ou perversão).

A leitura abordada se dará em três momentos: O primeiro momento se dá num ambiente extremamente real, um quartel militar onde no primeiro instante o leitor se depara com uma cena comum, jovens entre dezessete e dezoito anos, preparam-se para ingressarem nas forças armadas, contudo o olhar *dionisíaco* do escritor leva o leitor a uma subjetividade dos corpos masculinos, jovens, ardentes, explicitando seus troncos, rostos, peitos, pernas, dorsos, bundas e pênis deflagrados em uma configuração extasiante do sabor dos prazeres da carne.

O desenho imaginário desses corpos é algo que atrai e seduz o leitor, vendo nas personagens, verdadeiras máquinas para a satisfação de seus desejos, gerando uma antítese de sensações, ora representada no prazer, ora na culpa imposta por uma cultura castradora que repele descompromissadamente aquilo que foge às suas regras.

“E as moscas se chocavam no ar, entre o cheiro de bosta de cavalo e corpos sujos de machos.” (Abreu, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. 1995, p. 76)

Dentro desse espaço surgem duas personagens, *Romeu e Romeu* malvados, que exprimem: *Sargento Garcia*, poder, autoridade, virilidade, o homem forte que se verdadeiramente é fraco ante as adversidades geradas por um comportamento peculiar e diferentemente adotado pelos homoeróticos, e *Hermes*, fogo da juventude, medo que se torna coragem, insegurança transmutada em confiança, dúvida que sempre prevalecerá, delicadeza, respeito; uma hierarquia singular e única, onde em um primeiro momento, ambos não aceitam suas emoções, toques ou a expressão de seus sentimentos, embora identifiquem um extremo desejo por isso.

*Hermes* constrói um jogo de sedução com suas características muito pessoais e sua pele jovem e macia:

“Não me fira, pensei com força, tenho dezessete anos, quase dezoito, gosto de desenhar, meu quarto tem um Anjo da Guarda com a moldura quebrada, a janela dá para uma jasmineira, no verão fico tonto, meu sargento, me dá assim como um nojo doce, a noite inteira, todas as noites, todos os verões, vezenquando saio nu na janela com uma coisa que não entendo direito acontecendo

pelas veias, depois abro As mil e uma noites e tento ler, meu sargento...” (Abreu, Caio F. Morangos Mofados. 1995, p. 80)

A figura de seu algoz também o trai ardentemente:

“– Eu chamei Hermes. Quem é esse lorpa? – Sou eu. – Sou eu meu sargento, repita. – Ficou surdo, idiota? – Não. Não seu sargento. – Meu sargento. – Meu sargento.” (Abreu, Caio F. Morangos Mofados. 1995, p. 76)

O segundo momento vivenciado no conto ocorre fora dos limites e dos muros do quartel, Sargento Garcia após dispensar o jovem *Hermes* de suas obrigações para com a Pátria, demonstra certa admiração pelo estudante e “futuro filósofo”.

“– Estuda? – Sim, meu sargento. – O quê? – Pré-vestibular, meu sargento. – E vai fazer o que? Engenharia? Direito, Medicina? – Não meu sargento. – Odontologia? – Agronomia? – Veterinária? – Filosofia, meu sargento.” “– Pois, seu filósofo, o senhor está dispensado de servir à pátria. Pode se vestir. – Olhou em volta, o alemão, o crioulo, os outros machos. – e vocês, seus analfabetos, deviam era criar vergonha nessa cara porca e se mirar no exemplo aí do moço.” (Abreu, Caio F. Morangos Mofados. 1995, p. 89)

O jovem Hermes veste-se e pega seu caminho de volta à sua vida, mas é abordado por seu algoz, num ato sedutor e gentil, oferecendo-lhe uma carona.

“O Chevrolet antigo parou do meu lado. Como um grande morcego cinza. – Vai para cidade? Como se estivesse surpreso espiei para dentro. Ele estava debruçado na janela, o sol iluminando o

meio sorriso, fazendo brilhar o remendo dourado do canino esquerdo. – Quer carona? – Vou tomar o bonde logo ali na Azenha. – Te deixo lá – disse. E abriu a porta do carro.” (Abreu, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. 1995, p. 83)

Como um lobo que encurrala sua presa, o homem maduro começa ali mesmo a aliciar o “menino”, confrontando-o com seu destino inevitável.

“Entrei. O cigarro se moveu-se de um lado para outro na boca, enquanto a mão engatava a primeira. Um vento entrando pela janela fazia meu cabelo voar. Ele segurou o cigarro Continental sem filtro, eu tinha visto, entre os dedos amarelados, cuspiu pela janela e depois me olhou. – Ficou com medo de mim? Não parecia mais um leão ou em general espartano. A voz macia.” (Abreu, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. 1995, p. 83)

O terceiro momento se dá quando encontro sexual dos dois acontece num espaço reservado, meio decadente e mítico, escondido dos olhares repressores e preconceituosos de uma sociedade hipócrita e falida, onde o jovem *Hermes* encontrará, talvez, a mais desejada, porém criminosa, das suas identidades.

“– Escuta tu não ta afim de dar uma chegada comigo num lugar aí? – Que lugar? – Temi que a voz desafinasse. Mas saiu firme. – Aranha lenta, a mão subiu mais, deslizou pela parte interna da coxa. E apertou, quente. – Um lugar aí. Coisa fina. A gente pode ficar mais a vontade, sabe como é. Ninguém incomoda. Quer?” (Abreu, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. 1995, p. 85-6)

Como testemunha desse felácio culposo, somente “*Isadora*”, uma travesti, dona da casa de quartos, personagem real, criada a partir de um andrógono que viveu no sul e para o qual o prefácio do livro traz uma homenagem:

“Ninguém esquece uma mulher como Isadora...” (Abreu, Caio F. Morangos Mofados. 1995, p. 93)

Isadora representa o mais íntimo desejo do jovem, e seus maiores medos, a vergonha, fracasso e a solidão.

No quarto, entre quatro paredes o jovem se rende aos seus mais fortes impulsos, satisfazendo seus desejos e o antropofagismo de seu sargento.

Enquanto é penetrado de maneira rude e impiedosa, suporta a dor daquele ato tão esperado, ouvindo ao longe a voz da travesti cantarolando um tango.

“Isadora cantava que queres tu de mim se tudo está perdido amor?” “– ira a roupa.” “Então que culpa tenho eu se até o pranto que chorei se foi por ti não sei. A voz de Isadora vinha de longe, como se saísse de um aquário, Isadora afogada, a maquiagem derretida colorindo a água, a voz aguda misturada aos gemidos, metendo-se entre aquele bafo morno, cigarro, suor, bosta de vacalo, que agora comandava meus movimentos, virando-me de bruços sobre a cama.” “Seu putó – ele gemeu. – Veadinho sujo. Bichinha louca. Agarrei o travesseiro com as duas mãos e num arranco consegui deitar novamente de costas.” (Abreu, Caio Fernando. Morangos Mofados. 1995, p. 89-90)

Nasce então, no jovem *Hermes* um misto de alegria e dor, nojo e prazer, sensações confusas e contraditórias.

“Me dá assim um nojo doce, a noite inteira, todas as noites.” (Abreu, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. 1995, p. 80)

Chega então o dia em que o sol irá se por mais cedo e o brilho da lua ofuscará a luz do sol, ressaltando que dali em diante o futuro de *Hermes* seria diferente e sua vida mais livre e feliz.

“Meu caminho, pensei confuso, meu caminho, não cabe nos trilhos de um bonde.” (Abreu, Caio F. *Morangos Mofados*. 1995, p. 93)

É diante desse emaranhado de sensações e sentimentos, que *Caio Fernando Abreu* vai conquistando o leitor.

O homoerotismo presente na obra de Caio Fernando Abreu ataca os valores burgueses, não se compromete com uma sociedade controladora e não deixa de ser uma realidade lingüística:

“A linguagem não é compulsoriamente, um acerto de contas ou convenção parlamentar. É, repito, uma forma de vida, uma aparelhagem simbólica complexa por meio da qual lidamos com nossas circunstancias ambientais.” (Freire, Jurandir Costa. *A Inocência e o Vício*. p 114)

Assim é a leitura de *Sargento Garcia*, que como em outras obras do autor, proporciona um silêncio trágico, uma confusão de sensações e sentimentos estranhos, marcando profundamente aqueles mais sensíveis, que se dispõem a receber seu batismo finissecular.

“Talvez seja o magnetismo narrativo movido pela mágica e pelo silêncio que seduz o leitor sensível na tentativa de encontrar o espinho que atravessa a carne do texto, tudo num cuidado muito especial na pista escorregadia da linguagem.” (Araújo, Rodrigo da Costa. Artigo, [www.partes.com.br](http://www.partes.com.br))

## **Referenciais Bibliográficas:**

ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Pequenas Epanias*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o vício*.

GARCIA, Wilton. *Homoerotismo e Imagem*. São Paulo: U.N. Nojosa, 2004.

SANTOS, Ivan dos. *Caio Fernando Abreu. Repórter de uma geração*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004.

### **Internet:**

[www.oficialiteraria.com.br](http://www.oficialiteraria.com.br)

<http://caio.itgo.com>

[www.partes.com.br/cultura;algunsfragmentos.asp](http://www.partes.com.br/cultura;algunsfragmentos.asp); por ARAÚJO, Rodrigo da Costa.

### **Filmografia:**

Sargento Garcia, curta-metragem. (35mm, cor, 15 min, 2000).